

A Vida com Minha Irmã Madonna



1a. prova



*A Vida com Minha Irmã
Madonna*

*Por Christopher Ciccone
Com Wendy Leigh*



Copyright © 2008, Christopher Ciccone e Cabochon Diamond Productions, LLC

Coordenação editorial:

Preparação de texto e revisão: Tullio Kawata

Diagramação: Nobuca Rachi

Capa:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)



2008

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 - 3º andar - conj. 32B

Edifício New York - 05001-100 - São Paulo - SP

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

1a. prova

*A meu pai, Silvio,
e a Joan,
que sempre foi uma mãe para mim.*



1a. prova



INTRODUÇÃO

*Qualquer pessoa que tivesse contato com Madonna,
para conhecê-la tinha de conhecer [Christopher].*

Um era incompreensível sem o outro.

Ele era o lado negro dela e ela, o dele.

Rupert Everett,

Red Carpets and Other Banana Skins

ALGUNS LEITORES PODEM dizer que meu lado negro me levou a escrever este livro; outros, que foi o lado negro de minha irmã. Alguns podem dizer que ver Madonna pelos meus olhos é uma maneira de compreendê-la completamente; outros, que acreditam que ela caminha sobre as águas, não dirão o mesmo.

Existem muitas maneiras de analisar esta história – como o relato de uma infância compartilhada, como a celebração de um ícone que completará cinquenta anos este ano, como minha autobiografia... e como a minha resposta à pergunta de sempre: “Como é ser irmão da Madonna?”.

No início, esperava que este livro também fosse uma maneira de, por fim, eu me definir e me separar de minha irmã. Em vez disso, tem sido uma purificação. Depois de pensar um pouco sobre nossa história, finalmente pude compreender e aceitar que um aspecto de minha vida nunca mudará: eu nasci filho de minha mãe, mas morrirei sendo o irmão de minha irmã.

Não evito mais a verdade, pois, depois de tudo ser dito, feito e escrito, sinto-me verdadeiramente orgulhoso do fato de que Madonna é minha irmã e que sempre será.

PRÓLOGO

*Seu sonho parecia tão próximo
que ele não poderia deixar de agarrá-lo.*

F. Scott Fitzgerald,
O grande Gatsby

THE LANESBOROUGH HOTEL, LONDRES, INGLATERRA,
8H 30, 25 DE SETEMBRO DE 1993

O ALARME TOCA do sutil modo britânico. Eu me levanto, espio por uma fresta entre as cortinas grossas e roxas de seda, e o sol bate em meus olhos. Felizmente, o tempo está bom. Afinal, estamos no Reino Unido, na terra da chuva e do *fog*. A turnê *The Girlie Show*, que eu montei e dirigi, estréia hoje à noite, e não queremos que o público fique ensopado antes de o show começar.

Nós. Os dois da realeza. Madonna e eu. Minha irmã e eu, ela ainda dormindo profundamente em uma cama de quatro postes de mogno em sua suíte, adjacente à minha. *Nós*, a realeza, um título adequado para uma mulher que, às vezes, consegue ser a rainha da implicância. Apesar de o Palácio de Buckingham, a residência da rainha da Inglaterra, ficar do outro lado da rua, eu e milhões de fãs consideramos que a verdadeira rainha do universo é Madonna Louise Verônica Ciccone, minha irmã, dois anos e três meses mais velha que eu, a

qual, depois de apenas onze anos desde o lançamento de seu primeiro disco, é uma das mulheres mais famosas do mundo.

Como uma laranja. Nada de belo café-da-manhã inglês para mim, por mais que eu queira. Em vez disso, provavelmente vou vomitar quando Madonna e eu cumprirmos a programação com a corrida de dez quilômetros às onze horas. Como fizemos ontem, como faremos amanhã – e em todos os dias durante a turnê.

Na verdade, programação é o sobrenome de minha irmã. Ela acorda às nove da manhã, deita-se às onze da noite, e todas as horas dentro desse período são planejadas com a rigidez da rotina do exército. Com sua mania de fazer listas, de controlar sua vida com horários, Madonna pode ter, em outra encarnação, dirigido uma prisão, controlado o tráfego aéreo num aeroporto ou até mesmo ter sido um general de cinco estrelas.

Mas, para seu desagrado, as noites dela não podem ser estruturadas de acordo com uma rotina estrita, porque Madonna é insone e raramente consegue dormir mais de três horas por noite.

Percebi que Madonna sofria de insônia apenas quando moramos juntos no centro do Manhattan no início de sua carreira. Todas as vezes em que eu acordava durante a noite, ela estava na sala de estar, sentada num edredom branco que sempre estava sujo, por mais que lavássemos o chão. Geralmente ela vestia uma camiseta masculina branca e bem larga, calça de moletom branca com estampa de caubóis, chupando Hot Tamales, sua bala de canela favorita, e lia poesia – geralmente de Anne Sexton, cujas frases às vezes serviam de inspiração para as letras das músicas. Ou os diários de Anaïs Nin, que, juntamente com Joana d’Arc, é uma de suas heroínas. Fazia qualquer coisa para atravessar aquelas noites longas, quentes e abafadas de Manhattan, noites nas quais sua mente não desligava, quando imagens de um futuro colorido brilhavam em sua mente. O desejo incontido pela fama e pela fortuna, você sabe, não deixa o sono chegar.

Mas, hoje, tenho certeza de que minha irmã está adormecida, num sono profundo. Com sua intensa energia, nos períodos em que passa na estrada, ela precisa de ajuda para dormir. Mas não posso julgá-la. Agora ela é uma superestrela, uma lenda, uma das mulheres mais famosas do universo, e, dentro de apenas onze horas e meia, 75 mil fãs estarão gritando por ela, lançando-se aos seus pés, adorando-a. A pressão para se apresentar, para entreter, para manter-se e simplesmente continuar sendo Madonna é imensurável, e até mesmo eu – que sou, no momento, a pessoa mais próxima da Rainha do Mundo – não consigo imaginar como deve ser estar em seu lugar, caminhando com seus sapatos de número 37, cercada por tanta expectativa, adoração, por tantos que a amam, por tantos que a odeiam, por tantos que desejam que ela caia e bata sua cara famosa no chão.

SÃO NOVE HORAS e preciso acordar minha irmã. Eu destranco a porta que divide nossas suítes. Tarde demais. Um pigarreio – nada discreto – é ouvido vindo de dentro de seu opulento banheiro de mármore. Ela está no meio de sua rotina matinal: abocanhar um pouco de água salgada, fazer um gargarejo, puxá-lo até o nariz e cuspir tudo. Abrasivo ao extremo. Mas essencial, ela acredita, para manter sua voz.

Eu assisto à CNN por cinco minutos. Depois, abro a porta que dá para a suíte da Madonna novamente. Minha irmã, vestida com uma blusa de moletom branca e uma calça preta de agasalho Adidas, está esparramada na cama de lençóis acetinados azul-claros, bebendo café preto com açúcar, mordiscando uma torrada.

Pego alguma coisa para comer e dou um rápido beijo nela. “Você está bem, Madonna?”

Ela fez que sim. “Mas não consegui dormir muito.”

Assim como o nosso pai, um homem de poucas palavras, nenhum de nós é de falar muito, pois conhecemos os olhares e os gestos

um do outro de cor e conseguimos compreendê-los perfeitamente. Tanto que, quando minha irmã pousa as mãos nos quadris, como uma esposa nervosa, sei que há algum problema. Quando ela começa a arrancar seu esmalte, quase sempre vermelho, sei que está nervosa. E quando encosta o polegar na palma da mão e dobra os outros dedos sobre ele – um hábito meu de infância, mas do qual pode ter se apropriado por acreditar que seus dedos são finos demais e sempre tenta escondê-los – sei que ela precisa de palavras de conforto. E nos últimos dez anos, dia e noite, eu a conforto com alegria.

A descrição de meu trabalho pode não ser convencional – apesar de às vezes ser chamado de “faz-tudo” da Madonna. Minha capacidade de confortar em épocas difíceis ou de dúvida é uma das principais razões pelas quais – diferentemente de muitos outros menos afortunados a quem ela deu acesso à Madonnaland, para logo expulsá-los – eu sobrevivi. Tenho agüentado tanto como seu “reles servo” – como às vezes assino as cartas que escrevo quando quero deixá-la irritada –, como enquanto a única pessoa em nossa família que já trabalhou com ela por bastante tempo como assistente/figurinista/ombro-amigo, e o único membro da família com quem ela ainda mantém um relacionamento próximo.

Às onze horas em ponto, estamos correndo pelo Hyde Park, seguidos por um grupo de *paparazzi* enlouquecidos, todos desesperados por uma foto da Garota Material sem maquiagem. Madonna puxa o boné para baixo para esconder o rosto. Continuamos correndo.

À uma, Madonna em sua limusine Mercedes e eu em meu sedã dirigido por um chofer, somos levados ao Estádio de Wembley, a noroeste de Londres, a uma hora de distância. Nunca vamos ou voltamos dos shows juntos, pois nós dois queremos ter a liberdade de chegar e sair quando quisermos.

Multidões de fãs já se aglomeram nos portões do estádio, alguns torcendo para conseguir um ingresso de última hora, outros querendo

ver Madonna enquanto passamos. Mas não há a menor chance. Nossos vidros são escuros e, quando o carro pára na entrada dos fundos, seguimos diretamente para o camarim.

Como sempre, a produtora providenciou todas as exigências de Madonna, todas relacionadas no contrato. O camarim foi todo pintado de branco, pois ela acreditava que um pano de fundo branco a favorece. Conseqüentemente, não abre mão de que todas as toalhas e roupas de cama sejam brancas também. Sigmund Freud provavelmente teria um dia inteiro de trabalho analisando a preferência dela pela cor que simboliza a virgindade. Todos os seus amigos, familiares e admiradores sabem de sua predileção pelo branco, e grandes vasos de gardêneas, tuberosas e lírios brancos – suas flores favoritas – enchem o camarim. O perfume é delicioso. Também há quatro caixas de Hot Tamales e saquinhos de chá de limão com menta. Garrafas de água mineral Evian – sempre em temperatura ambiente, nunca gelada – estão à disposição, aqui e no palco, onde eu as coloco estrategicamente, nos pontos em que eu sei que Madonna sempre precisa delas. Produtos com carne estão proibidos dentro do camarim, assim como álcool, de modo que, mesmo se um solícito promotor mandar algumas garrafas de Cristal para o camarim, no fim da noite as garrafas serão doadas, sem terem sido abertas, assim como todas as flores.

Felizmente, o tempo lá fora está frio, por isso o camarim não está muito abafado. Mesmo em lugares de temperatura alta, por mais quente que esteja, Madonna se recusa veementemente a ligar o ar-condicionado. Ela reclama que nunca está quente o suficiente, que está sempre frio demais, e que o ar-condicionado faz mal para a sua voz. Mesmo no verão, no calor sufocante de Miami, Nova York ou Los Angeles, ela abre as janelas e deixa o ar-condicionado desligado.

Aqui e em todos os outros camarins que ocupa, ela pendura o crucifixo de nossa já falecida mãe acima do espelho. A foto de ma-

mãe, tirada alguns anos antes de sua morte, também fica à vista. Ela tinha apenas trinta anos quando faleceu. Mesmo assim, nenhum de nós – meu pai, meus irmãos e irmãs, eu mesmo ou Madonna – nunca falamos o nome dela uns para os outros, apenas em ocasiões raras. Simplesmente não faz o estilo dos Ciccone. Apesar de sermos italianos por parte de pai e franco-canadenses por parte de mãe, nascemos em Michigan e, na verdade, somos durões ao extremo.

Eu subo ao palco, onde procuro por imperfeições no chão para que ninguém – nem os dançarinos nem, que Deus me livre, Madonna – acabe tropeçando, confiro se todos os elevadores hidráulicos estão funcionando, se todas as luzes estão na posição certa para o primeiro número, se todos os suportes estão colocados corretamente.

Madonna passa uma hora em seu camarim fazendo exercícios vocais – escalas e respiração – e alongando-se simultaneamente, aquecendo-se para o show, mais parecendo uma mistura da bailarina Anna Pavlova e do boxeador Muhammad Ali em sua melhor forma.

DEPOIS, PARTICIPO DE uma entrevista na cidade para um dos menos esplendorosos jornais londrinos porque minha irmã se recusa a concedê-las e me manda em seu lugar. Eu sou educado, simpático, e espero que minha entrevista tenha um impacto favorável nas críticas de amanhã, que nós dois leremos juntos no café-da-manhã.

Se Madonna recebe uma crítica negativa, como aconteceu na turnê *The Virgin Tour*, quando um ou dois críticos a reprovaram, alegando que ela estava fora de forma, sei que ela vai erguer a cabeça, fingir que não se importa, rasgar o jornal e jogá-lo no lixo. Mas, dez minutos mais tarde, vai me perguntar: “Christopher, você acha mesmo que eles tinham razão? Que meu abdome está mesmo grande?”. Eu digo que obviamente eles estavam errados, que é claro que não – mesmo que estivesse – e ela fica feliz.

Fico contente por não precisar atender outros veículos de imprensa durante a nossa estada em Londres, pois prefiro ficar fora dos holofotes. Madonna também não atende nenhum canal de televisão. Numa das mais interessantes dicotomias dentro de sua psique multidimensional, apesar de sentir-se à vontade simulando fazer sexo diante de uma platéia de milhares de pessoas durante a *Blond Ambition Tour*, e numa cena do documentário *Na cama com Madonna*, demonstrando abertamente suas técnicas de sexo oral em uma garrafa, sempre que precisa aparecer na televisão, ela fica arredia.

Na verdade, eu me senti muito mal por ela quando vi suas mãos tremerem em uma apresentação televisionada de “Sooner or Later (I Always Get My Man)”, de Stephen Sondheim, de *Dick Tracy*, na cerimônia do Oscar de 1991. Não havia fãs gritando, e ela – que sempre detestou não se mover enquanto se apresenta – precisou ficar em pé, parada, enquanto cantava.

Se estivesse cantando para uma platéia de fãs, não teria ficado nem um pouco nervosa. Mas naquele momento estava se apresentando num auditório cheio de atores e atrizes, um grupo de pessoas ao qual ela não pertencia, que não a respeitavam como atriz, mas a quem ela desesperadamente queria conquistar. Por isso estava tão tensa.

Seu nervosismo em aparecer na TV surgiu novamente em 1994, quando participou do *Late Show with David Letterman*, quando acabou dizendo “foda-se” treze vezes porque estava tão assustada que não sabia o que falar. Mas, quando toquei no assunto, ela se recusou a admitir seu medo da TV e apenas disse: “Eu quis dizer aquilo”, desafiadora como uma menina de quatro anos apanhada roubando biscoitos do pote. Ela é assim: disfarça quaisquer inseguranças, escondendo-as. Parte para a ofensiva.

DE VOLTA AO Estádio de Wembley às três horas, Madonna e eu vamos ao palco para passar o som. Ela canta um minuto e meio de cada música, depois ensaia alguns dos movimentos mais complicados da *performance* durante uma hora. Quando finalmente sai do palco, vejo que não está nem um pouco cansada, com a adrenalina percorrendo suas veias. Seus olhos azuis brilham, sua pele está luminosa, seu rosto está rosado – em parte devido ao pó facial Puerto Rican Majal, que ela sempre me pede para comprar em uma farmácia na Sexta com a Décima Quinta Avenidas em Manhattan, e em parte devido à pura excitação.

Então, às quatro almoçamos juntos – sopa de cenoura, hambúrgueres vegetarianos, salada –, tudo preparado por seu cozinheiro vegetariano que viaja conosco. Enquanto comemos, conversamos sobre o ensaio geral do dia anterior: o humor dos membros da banda e dos dançarinos, quem está irritado, quem precisa ser alertado para fazer o trabalho direito e quem precisa ser paparicado – tudo para que o show da noite seja espetacular.

Na noite de abertura, e na maior parte da turnê, é isso o que faço, mas Madonna já facilitou as coisas. Em todas as turnês – com uma combinação de charme, flerte e um pouco de preocupação maternal –, ela faz tudo o que pode para ganhar a confiança, a lealdade e a amizade dos dançarinos. Tudo para deixá-los tão próximos quanto possível, mas não próximos demais.

Todos os que trabalham para ela inevitavelmente passam pelos mesmos estágios. Primeiro estágio: desilusão com o frio mundo de fora. Segundo estágio: encantamento sob a luz do calor e da atenção dispensados por Madonna. Terceiro estágio: mover-se pela luz, em direção a ela. Quarto estágio: ver-se no lugar mais frio de todos, bem ao lado dela. Ali, na opinião dela, é perto demais para o seu gosto. Nesse estágio, ela vai ter a sensação de que a pessoa sabe demais, de que se tornou um fardo, e o resultado é previsível.

Quinto estágio: não há mais luz, nem proximidade, nem mais Madonna.

A cada turnê, eu via os dançarinos caindo sob o feitiço dela rapidamente. Eu os observava chegando cada vez mais perto do que imaginavam um paraíso: ser um amigo platônico e íntimo de Madonna. Mais tarde, ao final da turnê, eles eram descartados de volta para o mundo frio de outrora, para nunca mais vê-la, exceto pela TV, em um filme, no palco – mas apenas da platéia.

Um dançarino em cada turnê, entretanto, vai passar mais tempo com ela, receberá preferência especial, será mais íntimo dela – e essa pessoa é um dançarino heterossexual do grupo. Na turnê *The Virgin Tour*, o dançarino Lyndon B. Johnson assumiu esse papel. Na turnê *Who's That Girl? Tour*, o dançarino Shabadu. Na *Blond Ambition Tour*, o dançarino Oliver Crumes. E, na *The Girlie Show*, Michael Gregory.

A escolha sempre era feita durante as audições, quando Madonna inspecionava uma fila de dançarinos, assim como Catarina, a Grande, inspecionava uma fileira de amantes em potencial. No caso de Michael, as audições foram realizadas em Nova York e em West Hollywood. Tiramos fotos com a Polaroid dos últimos dez candidatos e fizemos vídeos com eles dançando. Depois, Madonna e eu fomos para casa, analisamos as fotos e assistimos aos vídeos juntos.

Entre todos os candidatos, na minha opinião, Michael era o dançarino menos talentoso, com menos personalidade. Ainda assim, Madonna brigou comigo e insistiu em que ele fosse contratado. Percebi que não fazia sentido tentar dissuadi-la, por isso concordei.

Aqui em Londres, no *The Girlie Show*, ele é agora seu hetero escolhido, o cara que ela procura sempre que se cansa dos *gays* da turnê – eu, inclusive – e com quem ela age de maneira maternal, gentil, quase amorosa. Não importa se ela e o homem hetero na turnê transam, e sim que ele é o antídoto contra a solidão na estrada.



ÀS QUATRO E meia, ela tem duas horas só para ela; seu quiroprático aplica seu tratamento, ela recebe uma massagem, depois da qual permanece deitada na cama tentando dormir, mas não consegue.

Às seis e meia, veste parte da roupa que usará no primeiro número do show; um *short* preto enfeitado com lantejoulas e um sutiã, luvas compridas e pretas e a meia arrastão que sempre usa – até mesmo sob calças sociais, jeans ou *leggings* –, por acreditar que, assim, está protegendo os músculos da perna. Apesar de sua mente estar a mil por hora, enquanto o penteado e a maquiagem são feitos, ela se senta completamente imóvel, como um soldado disciplinado.

Às sete e meia, é hora de seu figurinista, Daniel Huber, terminar de vesti-la. Apesar de Madonna ter me promovido a diretor, ainda tenta me convencer a continuar sendo seu figurinista, mas eu me recuso. A princípio, rebelou-se contra a minha decisão, mas, por fim, aceitou. Agora, ela está prestes a ficar completamente nua diante de Daniel Huber. Sei que este momento é quando ela se encontra mais vulnerável, e tal vulnerabilidade aumentará conforme o show continuar. Apesar de Madonna ser conhecida por sua desinibição, por posar nua para estudantes de arte, por atuar como modelo de Gaultier, com os seios de fora – na intimidade, ela é tímida e pudica demais para ficar sem roupa diante de um estranho. Algo totalmente contrário à sua imagem de deusa do sexo, eu sei, mas inegavelmente verdadeiro.

Já alertei Daniel, com antecedência, a respeito dos requisitos para ser o figurinista de Madonna, e já lhe ensinei as estratégias para sobreviver no trabalho sem enlouquecer. Por isso, ele entende muito bem que a melhor política é manter-se calado – não importa qual seja a ofensa que Madonna inevitavelmente lhe faça – e falar apenas quando ela fizer a pergunta de sempre: “Como estou?”, à qual ele tem o dever de sempre responder: “Maravilhosa, Madonna, maravilhosa”.

Assim, armado com meu conselho, ele a ajuda a vestir o restante da roupa: botas pretas e compridas de couro e uma máscara – e entrega-lhe o chicote que ela vai usar em sua primeira canção, “Erotica”.

Às dez para as oito, Madonna, os dançarinos, a banda e eu nos reunimos e formamos um círculo. Madonna faz a oração: “Meu Deus, é a noite de estréia de nossa turnê em Londres. Por favor, cuide de meus dançarinos e de minha banda. Sei que todos estão nervosos, incluindo eu mesma. Trabalhamos muito e por muito tempo para chegar até aqui. Por favor, ajude-nos a fazer um excelente show. Eu amo vocês. Vamos lá e boa sorte. Vamos arrebentar. Amém”.

É hora do show.

Com o segurança na frente, Madonna, eu e as duas *backing vocals*, Niki Harris e Donna De Lory, damos as mãos e começamos a percorrer o longo caminho do camarim, passando pelo túnel, até a parte de trás do palco cantando a música “For Once in My Life”, do Stevie Wonder, enquanto o empresário de Madonna, o ligeiro Freddy DeMann, com seu bigode bem desenhado, masca um chiclete ferozmente e nos segue.

Quando chegamos atrás do palco, Niki e Donna assumem suas posições com a banda. Madonna e eu continuamos por um túnel estreito de acesso que termina embaixo do palco, de onde ela fará sua primeira aparição.

Esperamos ali sozinhos, de mãos dadas. Ela não treme mais. Está calma ao extremo, segura por saber todos os passos de dança, todas as letras de cor. Está confiante, no controle, com pouca dúvida, ciente de que, quando estiver no palco, diante de sua platéia, estará onde deve estar, fazendo o que faz melhor.

Dou-lhe um beijo no rosto e digo: “Você está linda. Vai arrebentar. Sinto que vai. Não há com o que se preocupar. Tudo vai ser perfeito”.

Ela faz que sim com a cabeça, os olhos repentinamente arregalados e quase infantis. Antes de assumir seu lugar no palco, como sempre eu abro a mão e ela cospe sua pastilha Ricola para a garganta.

Então, ela sorri feliz e um pouco temerosa, o que significa: “Vamos lá”, respira fundo, ajeita os ombros e vira-se para encarar seu público.

As luzes se acendem, e uma explosão de gritos acontece. Sentimos um impacto forte, como uma corrente elétrica causada pela platéia de 75 mil vozes, ondas fortes e emocionantes.

A música toma conta do estádio. Sobre o palco, diante de uma cortina vermelha de veludo, a dançarina Carrie Ann Inaba, nua, exceto por uma calcinha fio-dental vermelha, escorrega em um *pole* de doze metros, enquanto um palhaço vestindo roupas de cetim azul – o *leitmotiv* do show – assiste do palco.

Estou agora em pé na coxia, o espaço de 1,5 m entre os assentos da primeira fileira e o palco. Quando Carrie Ann termina de descer pelo *pole* e chega ao chão, a cortina sobe e revela Madonna em um palco repleto de fumaça, cantando “Erotica”. Seu cabelo loiro e bem curtinho brilha sob a luz e ela atua como uma dominadora.

Seu modo de dançar é elegante, fluido, graças ao treinamento que há muito temos. Seu corpo é uma obra de arte, graças à rotina de duas horas e meia de ginástica por dia que ela cumpre quando não está em turnê. As aulas de ioga, também, são responsáveis por sua ótima forma e pela definição muscular, sua postura de rainha, sua estabilidade. Numa aula de ioga, é claro, todos os seus instintos competitivos afloram. Seja na ioga, nas amizades ou na cabala, minha irmã sempre quer ser a melhor, a maior – a única mulher que consegue enrolar a perna no próprio corpo 25 vezes e ficar em pé com um dedo.

O espírito competitivo de Madonna, obviamente, faz parte do que a tornou quem ela é. Além dele, sua inteligência, capacidade de